

COLCHAS DE RETALHOS: NARRATIVA, PATRIMÔNIO CULTURAL E EDUCAÇÃO

PATCHWORK QUILTS: NARRATIVE, CULTURAL HERITAGE AND EDUCATION

Lúcia Gonçalves de Freitas
(UEG – Universidade Estadual de Goiás)

Isabela Batista Dos Santos
(UEG – Universidade Estadual de Goiás)

RESUMO: Colchas de retalhos fazem parte de um conjunto de artefatos de uso doméstico que, no passado, eram confeccionados em casa, com o fito utilitário de, ao mesmo tempo, aproveitar sobras de tecido e fazer uso de cobertas para as noites mais frias. Neste artigo, propomos fazer um registro sobre a feitura de colchas de retalhos na cidade de Jaraguá-GO, como uma prática considerada parte do patrimônio cultural local. A pesquisa foi realizada com pessoas da comunidade jaraguense, como estudantes, e artesãs que ainda costuram essas colchas e que narram essa experiência. Algumas participantes disponibilizaram imagens de seus acervos pessoais com estilos básicos desse artefato. O artigo faz um apanhado geral sobre questões históricas a respeito dessa arte, como ela resiste na cidade, quem são algumas das pessoas que ainda se dedicam a ela e quais são alguns tipos mais comuns desses artefatos. De modo indireto, o artigo busca colaborar com propostas de educação patrimonial.

PALAVRAS-CHAVE: Colchas de retalhos. Patrimônio cultural. Narrativa. Jaraguá.

ABSTRACT: Patchwork quilts are part of a set of artifacts for domestic use that, in the past, were made at home, with the utilitarian purpose of, at the same time, taking advantage of leftover fabric and making use of a blanket for the coldest nights. In this article, we propose to record the making of patchwork quilts in the city of Jaraguá-GO, as a practice considered part of the local cultural heritage. The research is based on narratives of people from the Jaragua community who still sew these quilts and report this experience, and some students who use the quilts. Some participants gave us images of their own collections with basic styles of this artifact. The article makes a general overview of historical questions regarding this art, how it resists in the city, who are some of the people who still dedicate themselves to it and what are some of the most common types of these artifacts. In an indirect way, the article seeks to collaborate with heritage education proposals.

KEYWORDS: Patchwork quilts. Cultural heritage. Narrative. Jaragua.

Introdução

Colchas de retalhos fazem parte de um conjunto de artefatos de uso doméstico que, no passado, eram confeccionados em casa, com o fito utilitário de aproveitar sobras de tecido e fazer uso de cobertas para as noites mais frias. São muitos e variados os contextos em que se fazem ou

se faziam essas cobertas, o filme “*Colcha de retalhos*” (*How to make an American Quilt*), dirigido por Jocelyn Moorhouse, em 1995, apresenta uma narrativa poética e romanceada sobre a feitura desses artefatos na cultura norte americana.

Neste artigo, iremos focar o contexto goiano, a partir de uma cidade do interior, a cidade de Jaraguá, onde, a exemplo de muitas localidades desse estado, o uso e o feito de colchas de retalhos artesanais ainda são presentes, embora em declínio. O artigo expõe alguns extratos narrativos de artesãs entrevistadas, e mostra imagens de colchas do acervo pessoal de duas estudantes que também participaram da pesquisa. A maioria das conversas foram realizadas de modo remoto, via dispositivos celulares, como videochamadas, devido ao período pandêmico em que realizamos o estudo.

O título que demos a este texto joga com a expressão popular “colcha de retalhos”, que denota uma certa profusão de coisas aleatórias, como parece ser a combinação de termos tão amplos como, narrativa, patrimônio cultural e educação. No entanto, o que vamos propor aqui é o registro de uma prática tradicional, considerada como um patrimônio cultural, qual seja a feitura de colchas de retalhos, a partir de narrativas de pessoas que ainda as fazem, e reflexões sobre as relações com propostas de educação patrimonial.

Nossa premissa direcional é a noção de que o patrimônio cultural é a objetivação da produção histórico-social da humanidade, cuja apropriação pelas pessoas e sua socialização integram a formação genérica do ser humano. Essa é a perspectiva da Unesco, que, em 1972, na Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, afirma que a destruição de um patrimônio “[...] constitui um empobrecimento efetivo do patrimônio de todos os povos do mundo” (UNESCO, 1972).

Com base nessa premissa, compreende-se que o investimento tanto na preservação do patrimônio cultural das pessoas, quanto em processos de educação patrimonial são requisitos fundamentais para o chamado “desenvolvimento humano”. O conceito consubstancia uma perspectiva de formação humana inserida em um modelo humanista de desenvolvimento e sustentabilidade econômica, social e ambiental (SEN, 2000). É uma visão defendida pelo movimento global “Educação para Todos” (EPT) e que foi adotada no Marco de Ação Educação 2030, assinado por 184 Estados-membros da UNESCO (2016), em 2015, no Fórum Mundial de Educação (FME).

Trata-se de uma noção que vai além de uma abordagem utilitária da educação e integra múltiplas dimensões da existência humana, entendendo a educação como inclusiva e crucial na promoção da democracia, dos direitos humanos, da cidadania global, da tolerância e do engajamento civil, do desenvolvimento sustentável, do diálogo intercultural, do fomento ao respeito pela diversidade cultural, de gênero, religiosa e linguística, aspectos vitais para alcançar a coesão e a justiça social.

Segundo o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), "o patrimônio cultural são os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira." Podemos observar nas colchas de retalhos goianas características de patrimônio material, por serem feitas de panos e formarem peças tangíveis.

Por outro lado, ainda é possível compreender essa colchas como patrimônio imaterial, na medida em que elas fazem parte de um conjunto de saberes, de modos de fazer, de formas de expressão e tradições de um grupo de indivíduos, que preserva sua ancestralidade para as gerações futuras, conforme é a definição de patrimônio imaterial adotada pela Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da UNESCO (1972). Emoldurado por esse quadro de definições, este artigo se debruça sobre a prática de fazer e usar colchas de retalhos na cidade de Jaraguá.

Jaraguá faz parte de um conjunto de cidades representativas do ciclo do ouro do estado de Goiás e detentora de um rico patrimônio cultural material e imaterial. Não obstante, apesar dessa característica, até recentemente não havia no meio local um investimento maior em práticas de valorização e manutenção desses bens e nem uma política de educação patrimonial. Assim, muito do patrimônio arquitetônico da cidade, por exemplo, foi perdido em nome de uma equivocada noção de progresso, que viu um acréscimo de melhoria para a cidade na substituição por obras "modernas" das antigas construções coloniais, avaliadas pejorativamente como "taperas".

Diante dessa realidade, o artigo propõe fazer um registro sobre um saber ancestral próprio do contexto goiano, que diante do empreendimento moderno, está perdendo espaço e corre o risco de deixar de existir. Nesse sentido, este texto traz um breve histórico sobre a confecção de colchas de retalho; em seguida, toma a cidade de Jaraguá como foco desse processo e apresenta os resultados da pesquisa com as narrativas de quatro pessoas que ainda fazem colchas de retalhos nessa cidade.

Colchas de retalho: um pouco de história

Revisar uma literatura sobre colchas de retalhos a partir de perspectiva tridimensional inter-relacionada com narrativa, patrimônio cultural e educação, colocou-nos a par de uma lista não muito vasta de trabalhos acadêmicos. Para este artigo, consideramos relevantes alguns estudos específicos: o primeiro deles é o relato de experiência de Norinês Bahia (2016), em que a autora aborda o tema das “narrativas de si” em interface com o processo de confecção de uma colcha de retalhos. Também é uma referência a dissertação de Vera Bergerot (2006), em que ela estuda colchas de retalhos em Goiás como patrimônio histórico. Além desses, citamos o estudo de Marsha Macdowell (2020), sobre colchas de retalhos, os chamados “*quilts*”, na cultura norte-americana e sul-africana como práticas culturais e de socialização feminina.

Para todas essas autoras, colchas de retalhos são um agrupamento de panos coloridos, que facilmente poderiam ser considerados inúteis e terem sido descartados, de forma que no final formam uma grande peça, principalmente, usada para cobrir-se de noite e que pode ser utilizada de outras formas. Muitos podem considerar as colchas de retalhos como algo irrelevante, feito sem muitos esforços e de qualquer maneira, mas uma colcha de retalhos vai muito além disso, como escreveu Bahia (2016, p. 39):

Muitos, à primeira vista, costumam associar a expressão “colcha de retalhos” como algo sem pé, nem cabeça, desarticulado ou de qualquer jeito – e é muito pelo contrário, se considerarmos a história que existe sobre isso e que vem de uma tradição popular, ligada às trajetórias familiares e que significa a organização de partes (os retalhos), num todo articulado e harmonioso (a confecção da colcha), que conta a história de uma família.

Apesar de possuir sua origem incerta, considera-se que talvez as colchas de retalhos tenham sido oriundas da culcita, um certo tipo de saco acolchoado que era utilizado pelos antigos romanos, como é citado na obra de Bergerot (2006, p.10), e que com o tempo foi se transformando e sofrendo adaptações, considerando as possibilidades e necessidades de cada região, porém mantendo inalterável a característica da união de fragmentos de tecidos, usados ou novos.

Cada singularidade do grupo ou indivíduo que confecciona as colchas de retalhos, com suas tradições, tecnologias, usos, as transformam em efetivas expressões culturais dos povos que as produzem. Assim, como nos diz Bergerot (2006, p. 10) “a primeira qualidade das colchas não é sua utilidade, mas sim a habilidade artística de quem a projetou e criou, e que a apreciação do resultado final – da peça pronta em si – extrapola, consciente ou inconscientemente o utilitarismo ou a estética.”

É possível encontrar alguns registros de colchas desde 3.400 a.C. A sua história nos sinaliza que o bordado e a costura já marcavam presença nas antigas civilizações do Egito, Pérsia, China e Índia, observados sobretudo nas colchas acolchoadas – “*quilts*” (MACDOWELL, 2020), identificados nas tumbas de reis e rainhas no mundo antigo, assim como também foram encontrado desenhos executados nas pirâmides, onde os faraós usavam vestimentas semelhantes.

Porém, foi no século XVI, na época em que ocorreram as cruzadas, na Europa Ocidental (Itália, Inglaterra, França e Alemanha) que ocorreu um desenvolvimento mais vigoroso dos trabalhos mais elaborados com retalhos em colchas. Nesse período, as roupas que os soldados usavam por baixo das armaduras de ferro eram confeccionadas com restos de tecidos. Assim, observa-se que o trabalho com retalhos possuía uma condição apenas utilitária ou para ser usado como roupa ou para combater o frio intenso, por meio de colchas e cobertores.

Na metade do século XVII, os peregrinos e imigrantes ingleses, como forma de fugir das perseguições religiosas que estavam sofrendo na Europa, foram colonizar e desbravar a América do Norte, carregando em suas bagagens colchas de retalhos, a que chamaram de “*quilts*”, além da tradição familiar de fazer colchas com aplicações mais elaboradas, os chamados “*patchwork*”. Sobre esse momento Bahia (2016, p. 49) escreve:

Esses colonizadores eram extremamente rígidos com suas esposas. Eles somente lhes permitiam sair de casa em 2 situações: para ir à igreja ou para ir às reuniões de quilteiras, chamadas de quilting bees. Os homens dessa época acreditavam que, se suas mulheres estivessem sempre com “as mãos ocupadas” fazendo colchas, não haveria espaço para maus pensamentos em suas cabeças. Foi nesse momento da história que o patchwork foi difundido como uma técnica artesanal eminentemente feminina e de tradição familiar, pois as quilting bees eram a única forma de socialização dessas mulheres. Elas passavam horas e horas juntas, conversando, debatendo e transformando os encontros em momentos longos e duradouros de liberdade de expressão, já que a figura masculina não estava presente.

Como essas mulheres se encontravam por muitas horas, as técnicas do *patchwork* foram ganhando aprimoramentos. Com o passar do tempo e a cada encontro, elas já não queriam mais só costurar colchas simples, queriam também inovar e estudar novos modelos de desenhos e padronagens. Tudo isso para que a realização dos trabalhos demorasse mais para serem concluídos e elas pudessem ter mais tempo na companhia uma da outra, socializando.

As peças de *quilts* e *patchworks* realizadas nesses encontros expressavam tudo o que as criadoras sentiam, os seus sentimentos mais secretos, seus desejos, suas aflições e até mesmo posicionamentos políticos. No Brasil, essas peças também tiveram seu espaço, mas com as particularidades de cada local e região. Em Jaraguá, sempre houve quem realizasse tecituras com retalhos que de algum modo se articularam a essa arte, como veremos, a seguir.

Colchas de retalhos em Goiás: o caso de Jaraguá

As colchas de retalhos de Goiás, inicialmente, eram objetos confeccionados em casa para a própria utilização das famílias e marcavam presença tanto em lares simples como aqueles mais abastados. Esses artefatos fazem parte de todo um conjunto de práticas e elementos culturais introduzidos no Brasil pelos colonizadores europeus e, então, modificados e readaptados pelos nativos e demais povos para aqui trazidos. No estado de Goiás, a costura das colchas de retalhos compõe o repertório de práticas locais com um forte componente de gênero, uma vez que fazer colchas sempre foi um trabalho eminentemente feminino.

Essas colchas poderiam ser feitas de diversas maneiras, a princípio poderiam conter um forro simples de só um tecido, um forro realizado com vários tecidos ou ainda sem forros - nas casas menos despojadas. Os acabamentos também eram feitos de modos diversos, podendo variar entre crochês, viés, babados laterais em tecidos leves ou se encerravam apenas com uma costura de reforço, que indicavam os “pés” ou “cabeceiras”. Dependendo da pessoa a costurar as colchas, a mistura de cores e estampas eram distribuídas negligentemente ou meticulosamente, formando os mais diversos tipos de peças.

Os retalhos colecionados poderiam ser de sobras das costuras de vestidos, saias, cortinas, camisas, calças, de toda roupa que antigamente eram costuradas em casa, manualmente, pelas

mulheres. Os retalhos escolhidos para a costura das peças buscavam atender dentro dos parâmetros de sua realizadora, uma combinação de cores independentes de suas estampas, visto que não havia tanta importância se a estampa era de bolinhas ou flores, o mais importante era a cor dessas bolinhas ou flores e já daí começava a surgir as combinações da estrutura da colcha.

Porém, a procedência dos retalhos escolhidos também é outro elemento valioso para essa escolha. Ou seja, caso se tratasse da sobra de alguma roupa de uma pessoa querida, esse retalho com certeza ocuparia um local de maior realce ou apareceria mais vezes na colcha, apesar de nem sempre ser uma escolha consciente. Essas ligações afetivas também poderiam afetar caso o contrário ocorresse, assim como Bergerot (2006, p. 33) observou:

Percebemos que pouco usado ou até dispensado seria o retalho da roupa de alguém malquisto na família, ou que tivesse praticado um ato reprovável, ou ainda com um caso de trágica morte. Melhor até um retalho “dado”, do qual nada se conhecesse, do que um com má história. Esse tipo de informação só emerge depois de muita conversa e bastante observação nas reticentes insinuações, critério de seleção subjetivo, sempre disfarçado (conscientemente ou não) pela aclamada aleatoriedade de escolha.

E assim, surgiam as colchas de retalhos. Apesar de algumas costureiras levarem em consideração certos requisitos para a escolha dos retalhos, não existem regras para as combinações, que podem aparecer de infinitas maneiras, o que a produtora da colcha busca ao escolher os retalhos em si é apenas realizar a mais bela peça possível e realçar a beleza de sua obra, pois ninguém quer produzir uma peça que pareça ter uma combinação de cores mortas que esconda a sua beleza.

Bergerot (2006) nos diz que “muitas vezes são deixados de lado grandes acervos culturais contidos em pequenos objetos que nos acompanham no cotidiano, os quais, pela própria familiaridade estabelecida, não estranhemos mais, ou seja, nosso olhar não se detém perante sua presença.” O mesmo ocorre com as colchas de retalhos, por serem familiares aos nossos olhos, acabamos não refletindo muito sobre elas, não pensamos no que há por trás delas. Nem mesmo nos interessamos em saber se existe alguma história naqueles retalhos, se há um valor afetivo e emocional ou até cultural.

As colchas são autênticas produções artísticas que por muitas vezes são deixadas de lado. Ao observarmos artesãs, podemos ver o tratamento especial que dão à peça e como se envolvem com o trabalho da criatividade. A arte se faz presente desde a ocasião de selecionar os tecidos, onde

as distribuições dos padrões escolhidos e a combinação das cores, guiadas por aparente aleatoriedade, revelam preferências e o próprio gosto artesão. Mas, se falar de arte já é complicado, como diz Bergerot (2016, p.108):

A presença da arte é, muitas vezes, sorrateira, e se falar sobre ela já é um caminho escorregadio, falar sobre sua presença em objetos vistos como de menor escopo dentro das considerações habituais mais ainda. Equivale ao que dizia Agostinho sobre o tempo, em suas Confissões: “Quando penso sobre ele, sei bem do que se trata, mas quando vou falar sobre ele...já não sei mais!”

Mais complicado ainda é falar sobre uma arte têxtil. Podemos buscar e encontrar nos estudos de tecidos uma melhor compreensão da humanidade, principalmente socialmente e culturalmente, tendo em vista que os tecidos são objetos materiais com aspectos muito antigos e de fundamental importância para o nosso mundo material, sendo essenciais para contemplar o desenvolvimento das civilizações. Porém o estudo dessa área têxtil foi dificultado, por diversos fatores, como Macdowell (2020, p.2) descreve:

O estudo dos têxteis foi historicamente dificultado por vários fatores. Primeiro, como um objeto material muitas vezes perecível, os têxteis dos tempos antigos simplesmente não já existem, exceto como retratado em outras formas de arte ou como fragmentos encontrados em sítios arqueológicos, escavações. Em segundo lugar, a produção de têxteis é predominantemente considerada trabalho feminino e situados na vida doméstica, domínios que pouco interessavam ao interrogatório de estudiosos até o surgimento dos estudos feministas na última parte do século XX.

Mesmo com as dificuldades encontradas para o estudo dos panos, não devemos nos esquecer que eles, juntamente com as narrativas, oferecem caminhos para iluminar a nossa história e é muito valioso nos utilizarmos deles como trampolim para apuração de tudo que eles envolvem e de tudo que está associado ao seu uso e fabricação. Em Jaraguá, o feitiço de colchas de retalhos também esteve muito estreitamente associado à arte de fiar e tecer em teares manuais, de modo que, no passado, esses ofícios eram realizados de forma artesanal, nas próprias casas, com recursos domésticos como máquina de costura, roca e tear, estes últimos, cada vez mais raros, como narram as pessoas que foram entrevistadas para a pesquisa, a seguir.

Narrativas em retalhos: a pesquisa sobre a arte de fazer colchas em Jaraguá

Jaraguá é uma cidade histórica pertencente ao estado de Goiás, cuja fundação remonta os idos de 1736, após as primeiras expedições das entradas e bandeiras que deram origem ao estado e que tinham como um dos objetivos principais encontrar ouro e metais preciosos. Como apresentou em seus escritos Bergerot (2006) menciona que uma cidade histórica constitui em si um monumento, mas ao mesmo tempo é uma “história viva”. E como Jaraguá se enquadra nessa categoria, também representa uma história viva, incluindo principalmente os seus monumentos antigos, moradores mais velhos e todos os saberes e tradições passados durante anos.

Assim como a origem das colchas é muito incerta, não é possível saber quando ou como elas chegaram na cidade, mas podemos afirmar que elas estão presentes no meio local, praticamente desde sua fundação, e já foram muito difundidas e utilizadas no município. Apesar de atualmente serem menos utilizadas, ainda há muitas delas espalhadas pelos lares jaraguenses, muitas, inclusive, possuindo histórias e valores sentimentais.

O estudo dessas colchas na perspectiva que adotamos aqui foi a proposta do projeto de Iniciação Científica intitulado “Colchas de retalhos e textos culturais”, com incentivo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para Ensino Médio-PIBIC/EM, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico Tecnológico-CNPq, realizado na Unidade de Jaraguá da Universidade Estadual de Goiás.

Para saber mais sobre as colchas de retalhos e suas relações com a cidade, realizamos entrevistas com moradores com a finalidade de entender primeiramente se ainda há pessoas que tecem essas colchas e compreender a ligação com a prática de costurá-las e o universo cultural local. Em segundo lugar, buscamos analisar se os jaraguenses ainda têm colchas de retalhos em seus lares e se as colchas que os moradores possuem são compradas ou ganhadas e que histórias ou narrativas estão a elas agregadas. Para uma melhor abordagem narrativa, buscamos apoio em Bastos (2005 p. 75), que argumenta que:

Ao contar estórias, co-construímos, ao mesmo tempo, o sentido de quem somos e o sentido do mundo em que estamos. Isso significa que a análise interacional do discurso narrativo pode nos ajudar a compreender como os indivíduos, na

interação com os outros, co-constroem tanto suas identidades quanto a ordem social que os cerca.

Observando as definições de Bastos (2005), e com o objetivo de entender a ordem social que cerca as colchas de retalhos, foram realizadas 4 entrevistas com moradores jaraguenses que produzem ou que produziam colchas de retalhos, colhendo deles narrativas verbais que, ainda em Bastos (2005), encontramos sua definição como um método de recapitular experiências passadas, combinando uma sequência verbal de orações com uma sequência de eventos que (infere-se) ocorreram de fato.

Os quatro ¹entrevistados foram: Aparecida Rosário da Silva (58 anos), Fernanda Cardoso (não informou), Camilo Luz de Sá (54 anos) e Inácia Antônio Atanázio (94 anos). Desses 4 entrevistados, Inácia, Fernanda e Camilo ainda fazem colchas de retalhos, mesmo que com uma menor frequência se comparado a antigamente. Aparecida disse ter feito uma colcha à época da entrevista, pois ela ganhou os retalhos, mas apesar disso ela não faz mais colchas, mas expressou sua vontade em voltar a fazê-las. Ela nos disse que queria arrumar os retalhos para voltar, porque é uma coisa que ela gosta muito de fazer. Já o Camilo relatou à época, que também parou de produzir colchas, por conta da pandemia ele ficou sem material, mas que tinha o objetivo de voltar, pois como ele disse:

Recorte 1:

É o que eu mais gosto de fazer, depois vem os tapetes né... mas eu sou uma pessoa sozinha e aqui não encontra gente para trabalhar então eu tive que deixar um pouco as colchas de retalhos pra lá, mas, não deixar para falar assim: "ah não vou mexer mais", não tem como, colcha de retalho é a minha paixão (Camilo, 2022).

Camilo relembra que aprendeu a fazer colchas ainda criança, observando a sua mãe, que além de costurar também tecia no tear:

Recorte 2:

¹ Todas as pessoas entrevistadas assinaram termo de consentimento que detalhava os propósitos e procedimentos da pesquisa. Os nomes foram mantidos, pois há um interesse de divulgação do trabalho dessas pessoas para a manutenção da arte de fazer colchas.

Desde criança convivendo com a minha mãe ela era tecelã né, ela mexia com tecelagem aí eu me apaixonei pela a forma aí dela urdir a linha, trabalhar com os fios, ela urdia a linha fazia a trama para colocar no tear você tem que fazer a Trama aí você tem a urdideira aí vc urde a linha faz a trama a colcha você já tem que saber o que fazer aí ela faz a trama e coloca no tear aí eu vendo ela trabalhando com os fio eu fui tendo essa paixão, essa paixão foi nascendo dentro de mim eu eu e eu sou apaixonado mesmo pelo que eu faço sabe, eu gosto muito mas muito mesmo, quando eu tô trabalhando no tear ou pode se eu tiver com muita fome pode me oferecer um prato de comida eu até deixo para lá mas eu quero tá lá, quando eu começo um trabalho eu quero terminar (Camilo, 2022).

O trabalho de Camilo tem uma singularidade, pois algumas das suas colchas são feitas no tear manual, mas ele só faz o estilo simples, pois quando ele ia aprender outros mais elaborados, ocorreu um acidente em seu ateliê e ele perdeu quase todos os seus materiais. Fernanda conta que aprendeu com sua tia quando ainda era jovem. Já Inácia aprendeu sozinha, mas não lembra quando foi, só sabe dizer que há mais de 30 anos ela faz colchas. Aparecida relatou que aprendeu com sua tia:

Recorte 3:

A minha tia fazia colcha pra ela vender pra tirar o sustento aí ela mandava os retalhos para minha mãe que fazia tapete, aí eu aproveitei os retalhos que ela mandou e fiz as colchas. Aprendi com a minha tia que ela fazia, aí os que sobrava lá das dela, ela mandava pra mim e eu aproveitava e fazia (Aparecida, 2022).

Os retalhos utilizados nas peças da Aparecida e Inácia são todos sempre ganhos, já Fernanda reaproveita os pedacinhos de retalhos que sobram das costuras que ela faz e o Camilo, diferente de todas, compra os retalhos para as suas peças, principalmente das confecções que são abundantes em Jaraguá. A perspectiva de que fazer colchas de retalhos é uma “paixão” é acionada por praticamente todos esses artesãos, mas é Camilo quem expressa esse elemento passional, entremeado por questões de cunho artístico e financeiro também:

Recorte 4:

Eu acho que foi mais paixão mesmo, paixão, paixão que eu tenho pela arte, porque tanto faz no tear como com colchas de retalho, quando você começa uma peça é totalmente diferente, você começa, você sabe que vai terminar, mas você não sabe para onde você vai, aí vem uma coisa na sua cabeça vem outra sabe, fica assim...Eu acho que é coisa de louco,

sabe? Eu, eu sou apaixonado pelo que eu faço, então, meu interesse mesmo surgiu quando, quando eu fui para Jaraguá, né? Aí, que eu comecei a fazer as minhas primeiras peças, comecei a vender, comecei a ganhar meu próprio dinheirinho. Mas eu sempre fui apaixonado por, pelo tear, sempre, sempre fui apaixonado, e pelas colchas de retalho também, eu tenho verdadeira paixão pelas colchas de retalho e pelo tear também (Camilo, 2022).

Com o objetivo de obter renda e ajudar no sustento familiar, Camilo vendia as colchas que ele produzia. Inácia costumava fazer por fazer, ela disse que aprendeu a fazer colchas, tapetes e fuxico para passar o tempo, mas em certo período também já vendeu várias colchas. Fernanda prefere fazer só de vez em quando algumas colchas para a família e, assim como Fernanda, a Aparecida também gostava de fazer as colchas apenas para presentear os familiares e amigos.

Pelas entrevistas, foi possível descobrir que há diversos tipos de colchas. A Inácia relatou que a diferença das suas colchas antigas para as atuais é que, com o decorrer do tempo, ela aprendeu vários novos modelos e gostaria de ressaltar também que todas as colchas que ela fazia sempre foram na máquina. O Camilo nos disse que tem muitos modelos de colchas: têm de balão, de pala, tem de rosa, tem de caracol, caracol e rosa, a bem tradicional, feita na mão, juntando os retalhos, esses são alguns exemplos que ele citou.

Além dessas entrevistas, realizamos uma pesquisa ainda com 28 jovens com idades entre 16 e 18 anos, para saber se eles conheciam o que eram colchas de retalhos, se possuíam alguma e também se essas colchas tinham algum valor sentimental para eles. Dos entrevistados, dez possuíam colchas de retalhos e todos relataram algum valor sentimental, especialmente ligado a familiares. Enquanto, dentre os outros dezoito jovens, alguns sequer sabiam o que era uma colcha de retalhos.

Do grupo de dez jovens que relataram ter colchas e usá-las, Laura Gabrielle, de 18 anos, mostrou-nos uma das colchas que ela possui e pela qual ela afirma ter um sentimento especial, pois foi feita pela sua avó, já falecida. É uma colcha feita com retalhos retangulares e longos, em um desenho que une os retalhos em um formato em que eles dão a impressão de formarem quadrados dentro de outros quadrados que vão diminuindo de tamanho até formar um quadrado menor no centro da colcha.

Observa-se que essa colcha teve uma preocupação estética na combinação das peças, pois a avó de Gabrielle usou retalhos quadriculados, uma espécie de xadrez em tons pastéis, nas cores azul, marrom e amarelo, e foi organizando as tiras longas sem repetir os padrões muito próximos:



Fig.1 – Colcha de Laura Gabrielle

Dentre o grupo de jovens, foi possível aprofundar um pouco mais a conversa sobre as colchas com Sarah Ligia Gutemberg Silva, de 20 anos, afilhada da Aparecida Rosário. Ela contou a história de algumas colchas que há na sua casa. A primeira foi uma com aproximadamente 15 anos feita por sua madrinha Aparecida, ela ganhava os retalhos e fazia colchas com eles, então ela decidiu fazer uma peça para presentear a Sarah e uma outra peça para presentear o irmão da Sarah, o Sebastião Neto.

A Sarah relatou que muitíssimas vezes utilizou a colcha como coberta, mas que atualmente utiliza menos, prefere usar dela para forrar a cama, pois assim ela fica mais preservada. Essa é uma estratégia para fazer durar as colchas por mais tempo, já que, como ela própria nos relatou, a colcha feita pela madrinha tem grande valor sentimental.

Recorte 5

Eu ainda uso para forrar minha cama, então eu gosto muito dela porque tem a questão sentimental, por que foi minha madrinha que me deu, foi ela que fez e tem muito tempo (Sarah, 2022).

A colcha de Sarah é um padrão recorrente, feita com quadrados de retalhos variados, todos do mesmo tamanho e unidos lado a lado. Para essa colcha, a madrinha de Sarah usou retalhos "lisos", ou seja, sem estampa. A preocupação estética é a de não costurar lado a lado a mesma cor e de espalhar as cores de modo harmônico pela peça. As cores predominantes são variações de tons de vermelho, rosa e marrom, com alguns quadrados em azul, cinza e branco:



Fig.2 – Colcha de Sarah Lígia

A terceira colcha do acervo de Sarah que iremos mostrar aqui, foi dada de presente de casamento para a mãe dela, Maria Abadia Gutemberg Silva e para seu pai, Divino Rosário da Silva. A colcha tem 23 anos e foi feita por uma madrinha do pai da Sarah, a artesã era a dona Licota, que morava na região onde a Sarah foi criada, perto de Artulândia (povoado jaraguense), atualmente ela mora em Goianésia e tem mais de 90 anos de idade:



Fig. 3 – Colcha dada de presente de casamento, para os pais da Sarah

Essa colcha tem um desenho bastante elaborado. Ela é feita em formato de “rosa”, como mencionou Camilo, ou seja, os retalhos são dispostos de modo que seus pedaços se unam em um desenho que se aproxima, ainda que de maneira estilizada, do desenho de uma rosa. Observa-se que esse desenho é alcançado pela costura de retângulos de aproximadamente sete centímetros de comprimento por três centímetros de largura (7cm x 3cm) e no sentido do comprimento se costura um retângulo da mesma largura, porém mais comprido, de aproximadamente uns quinze centímetros (15cm x 3cm).

Tendo o cuidado também de deixar um espaço de três centímetros livre de cada lado, de modo que vai se fazendo uma espécie de pirâmide. Com três carreiras de retalhos, une-se uma “pirâmide” a outra e se tem uma “rosa”. Esse padrão demanda uma certa engenharia na costura, pois é preciso fazer contas e cortar os retalhos nos tamanhos certos, para então emendá-los em “linhas”. A colcha dos pais de Sarah combina “rosas” em retalhos lisos na cor marrom e “rosas” em retalhos estampados, em cores variadas, com predominância de tons em azul, cinza e rosado.

Observa-se que essa colcha tem um caráter especial, é um “presente de casamento”, ou seja, agrega ao mesmo tempo um viés utilitário, como um bem de uso diário, para cobrir, aquecer, e, por outro lado, também agrega perspectivas mais subjetivas, de ser um artefato que pretende marcar um enlace matrimonial, algo que ainda é muito valorizado socialmente. Esse entrelace mais complexo parece se expressar na própria trama da colcha, feita com uma técnica mais elaborada, igualmente mais complexa.

A quarta e última colcha do acervo de Sarah foi uma feita por Cacilda, irmã do avô paterno da Sarah. Ao longo de sua vida, Cacilda produziu diversas colchas e deu de presente a amigos, parentes, e, aqui, aos seus sobrinhos-netos. A que mostramos, em seguida, foi a que Divino, o pai da Sarah, ganhou. A Cacilda, infelizmente, faleceu à época que fizemos a pesquisa, em plena Pandemia, ela contraiu a Covid e não resistiu. As colchas que deixou para seus familiares é uma forma de lembrar dela, sendo todas elas de grande valor afetivo. A que é mostrada na figura 4 é feita de malha, com quadrados azuis e brancos, formando um xadrez.

O uso de malha é recente na confecção de colchas, que usualmente eram feitas com tecido de algodão. Porém, com o advento das pequenas indústrias de confecção de roupas da cidade de Jaraguá, que já foi conhecida como a “Capital das confecções”, houve uma sobra de retalhos de malha, que atualmente são reaproveitados para diversos fins, dentre eles para o tecido de tapetes em tear e, nesse caso, na feitura de colchas. Observa-se que a colcha feita por Cacilda, diferente das demais aqui expostas, conta com babados nas laterais, de modo que ela cobre a parte de cima da cama com o xadrez de retalhos e “desce” para os lados com um franzido arrematado na bainha por uma faixa estreita no mesmo xadrez em azul e branco:



Fig. 4 - Colcha de retalhos do Divino, feita por Cacilda

Considerações finais

O presente trabalho visou produzir conhecimento sobre uma prática artesanal muito comum no estado de Goiás: a feitura de colchas de retalho. A colcha de retalhos é um objeto que, por muitas vezes, marca presença em nosso cotidiano, mas ao qual não damos tanto valor e atenção.

DOSSIÊ “INTERFACES DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS”

REVELLI, Vol. 15. 2023.

ISSN 1984-6576.

E-202327

Neste artigo, apresentamos os resultados da pesquisa de Iniciação Científica “Colchas de retalhos e textos culturais”, cujo objetivo era registrar uma prática doméstica, como a costura de colchas de retalhos, em sintonia com seus aspectos histórico-culturais e com perspectivas de colaborar com propostas de educação patrimonial.

Nessa direção, o artigo fez um apanhado de estudos sobre colchas de retalhos, remontou um pequeno histórico geral, situou a prática no contexto goiano e, especificamente na cidade de Jaraguá. A partir desse contexto, a pesquisa entrevistou pessoas do município que ainda fazem colchas e um grupo de jovens sobre a utilização delas. Duas das entrevistadas desse grupo disponibilizaram imagens de seus acervos pessoais, descrevendo quatro modelos de colchas e relatando os laços histórico-afetivos de cada uma delas.

Por uma abordagem narrativa, essas pessoas contaram suas experiências de fazer/usar colchas de retalhos, recuperando memórias e questões culturais locais. Foram brevemente descritas algumas técnicas e modo de produção utilizado no processo de fabricação das peças, de maneira que o artigo oferece um conhecimento introdutório sobre o tema. A pesquisa que deu origem a este texto colabora com as ações de Pesquisa e Extensão da unidade UEG-Jaraguá, que tem coletado, descrito e virtualizado uma série de artefatos, textos, documentos e demais objetos de interesse para o patrimônio cultural goiano.

A pesquisa mostrou que na cidade de Jaraguá, que é um contexto histórico do estado de Goiás, ainda é muito comum se ter em casa colchas de retalhos, em geral feitas por avós, tias ou alguma outra parenta, geralmente uma mulher, tendo assim um recorte de gênero que pode ser mais bem explorado em futuros trabalhos. Essas colchas são costuradas tanto para aproveitar sobras de tecido, como também se usam retalhos comprados, ou mesmo tecido para corte à semelhança de retalhos. Algumas pessoas comercializam esses artefatos, mas ainda há muitas colchas em uso que foram feitas sem cobrança e presenteadas a seus donos. Não obstante, essa prática é cada vez mais rara.

Cumprindo o seu objetivo de entender sobre essas peças usuais e pouco observadas, que estão sendo extintas dos lares jaraguenses, este trabalho ainda contribui com estudos sobre patrimônio cultural, uma vez que as colchas de retalhos compõem o repertório de saberes locais que constituem patrimônio da cidade e seus moradores. Nesse sentido, é importante ressaltar que

o trabalho aqui desenvolvido deve ser amparado por práticas educativas que possam fomentar o interesse das pessoas por sua arte e cultura locais.

É indispensável que a educação e a cultura andem juntas, pois como foi definido pela UNESCO, no Fórum de Educação em 2015, a educação tem um importante papel como principal motor do desenvolvimento humano e ainda a educação facilita o diálogo intercultural e fomenta o respeito pela diversidade cultural, religiosa e linguística, aspectos vitais para alcançar a coesão e a justiça social. Dessa forma, este artigo se encerra com a ressalva de que a cultura e a educação devem estar sempre interrelacionadas, como forma de se propagar saberes e mantê-los vivos na sociedade.

Exemplo disso são as práticas de pesquisa e extensão desenvolvidas nas universidades em parceria com outros níveis de ensino, como foi o caso da Iniciação Científica que ensejou este projeto e que uniu Ensino Médio e Ensino Universitário no propósito de desempenhar um papel, como é destacado pela UNESCO (2016), de estimular o pensamento crítico e criativo e disseminar conhecimentos para o desenvolvimento social, cultural, ecológico e econômico.

REFERÊNCIAS

BAHIA, N. P. Narrativas de si em interface com o processo de confecção de uma "colcha de retalhos": relato de experiência. **Construção psicopedagógica**, v. 24, n. 25, p. 35-45, 2016.

BASTOS, L.C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais - uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópio**. v. 3, n. 2, p.74-87, 2005

BERGEROT, V. **Colcha de retalhos**. Os Bastidores do Patrimônio. Dissertação de Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural- Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2006.

BERKENBROCK-ROSITO, M. M. Colcha de retalhos: história de vida e imaginário na formação. **Educação**. Santa Maria, v. 34, n. 03, p. 487-500, 2009 .

IPHAN. **Patrimônio Cultural**. IPHAN, 2014. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>. Acesso em 17 abr. 2023.

MACDOWELL, M. Quilts: Unfolding personal and public histories in South Africa and the United States. **Image & Text**, n. 34, p. 1-24, 2020 .

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DOSSIÊ “INTERFACES DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS”

REVELLI, Vol. 15. 2023.

ISSN 1984-6576.

E-202327

UNESCO. **Convenção para a proteção do património mundial, cultural e natural.** Nova York: ONU, 1972.

_____. **Declaração de Incheon e ODS 4 – Marco de Ação da Educação 2030.** Nova York: ONU, 2016.